

Sociedade



1. O embaixador da Guiné Bissau em Portugal, Artur Silva, marcou presença no evento que decorreu na Expoeste

2. O encontro juntou cerca de uma centena de pessoas, muitos deles representantes de associações e ONG ligadas à Guiné Bissau

3. Esteve patente, no átrio da Expoeste, uma mostra da cultura e das artes daquele país africano que assinala o seu 53º aniversário da independência



Guineenses na diáspora discutiram o futuro do país em encontro nas Caldas

Os desafios que se colocam ao país, que vai a eleições a 6 de dezembro, depois de um golpe de Estado em finais de 2025, e, sobretudo, o seu desenvolvimento, estiveram em debate. O encontro, que juntou mais de uma centena de pessoas, assinalou o 53º aniversário da independência da Guiné Bissau

O embaixador da Guiné Bissau em Portugal considera que o país não pode continuar

de uma estimativa porque não existem dados oficiais de todos os cidadãos naturais da Guiné Bissau, que trabalham fundamentalmente na agricultura (apanha da fruta e hortifruticultura), mas também na construção civil, serviços domésticos e hotelaria da região.

Esta comunidade "enorme" que se estabeleceu nas Caldas, "vinda sobretudo da grande Lisboa para tentar encontrar melhores condições de vida, mais estabilidade", e o facto do atual Presidente da República residir na cidade, levou a Plataforma a organizar o encontro comemorativo do 53º aniversário da independência da Guiné nas Caldas da Rainha. Foi a primeira vez que o evento se realizou fora da capital, contando com a presença de diversas associações de guineenses e uma mostra cultural e artística daquele país.

No encontro, que juntou mais de 100 pessoas na Expoeste, representantes das várias associações de guineenses e convidados debateram a importância da independência e os seus desafios. "E são muitos", realçou Augusto Mansoa, elencando desde logo a necessidade de estabilidade, sobretudo, política e social. "A falta de estabilidade política condiciona tudo o resto em termos de desenvolvimento social, económico e por aí fora...", exemplifi-

cair para o desenvolvimento do país", disse o médico que, com um grupo de colegas, desloca-se periodicamente à Guiné Bissau para dar consultas à população, em regime de voluntariado. O guineense considera que esta ajuda é apenas "uma gota de água no oceano" e que são precisas medidas estruturais para ajudar a alavancar o país.

Para Artur Silva, embaixador da Guiné Bissau em Portugal, a celebração da independência da Guiné em terras portuguesas "reveste-se de um simbolismo particular", pela história e língua, mas também por aqui encontrar "um espaço privilegiado de diálogo, cooperação e de amizade". A comemoração acontece num contexto particularmente relevante da vida social daquele país, menos de um ano depois de um golpe de Estado no qual os militares tomaram o poder. Já a 30 de agosto, os eleitores da Guiné-Bissau aprovaram, em referendo, a alteração constitucional que dará mais poderes ao Presidente da República. "Este percurso prepara o caminho para outra etapa decisiva na nossa vida democrática, as eleições legislativas presidenciais marcadas para 6 de dezembro", referiu o embaixador, que espera que o processo eleitoral decorra num clima de paz e civismo. Pediu "responsabilidade coletiva" para colocar o interesse superior da nação acima de qualquer atividade partidária e destacou que a Guiné Bissau não pode continuar refém das suas próprias divisões internas, mas "deve ocupar o lugar que lhe compete na comunidade internacional", destacando a sua riqueza económica e cultural. Artur Silva defendeu uma aposta na educação, formação profissional, inovação e empreendedorismo, realçando que é preciso criar condições para que os jovens possam estudar, trabalhar, empreender e participar ativamente na construção do país.

Também presente na cerimónia, a vereadora Conceição Henriques começou por partilhar que a relação de Portugal com a Guiné-Bissau tem mais ou menos o mesmo tempo da existência das Caldas da Rainha, cinco séculos.

Independência da Guiné-Bissau comemorada nas Caldas

Caldas da Rainha recebeu, a 26 de setembro, as celebrações em Portugal dos 53 anos da Independência da Guiné-Bissau, organizadas pela Plataforma das Associações da Diáspora Guineense (PADG).

Pedro Antunes

Numa altura em que a população oriunda daquele país aumentou bastante nas Caldas da Rainha devido à imigração, foi na Expoeste que aconteceu a primeira cerimónia de celebração do aniversário da independência daquele país em Portugal fora de Lisboa, a qual contou com a presença do embaixador guineense em Portugal, Artur Silva.

"Há mais de cinco décadas, ou seja, 24 de setembro de 1973, em plena luta de libertação nacional, o nosso povo proclamou com dignidade e determinação a soberania de um estado livre inspirado pelo Amílcar Cabral", recordou o embaixador.

Durante o seu discurso na Expoeste, Artur Silva salientou que comemorar a data em solo português reveste um significado especial, unido por laços históricos e humanos. "É aqui, nessa relação única entre os nossos dois povos, forjada pela história, pela língua e por laços profundos, que a Guiné-Bissau encontra também um espaço privilegiado de diálogo, de cooperação e de amizade", afirmou.

O embaixador aproveitou para fazer um apelo à estabilidade e à maturidade política do seu país. "A Guiné-Bissau não pode continuar refém das suas divisões internas. Perante o mundo, é o nosso dever coletivo mostrar-lhe um país unido, sereno e voltado para o futuro", declarou.

O responsável exprimiu ainda a sua gratidão ao município caldense pelo acolhimento aos guineenses longo de quatro décadas. "Não posso deixar de expressar o nosso reconhecimento à Câmara das Caldas da Rainha pelo acolhimento generoso e fraterno dispensado aos cidadãos guineenses que escolheram este concelho para viver, trabalhar e construir família", concluiu.

O cirurgião Augusto Mansoa, presidente da PADG, destacou que o mérito da comunidade guineense se manifesta em Portugal em todas as áreas da sociedade, "do mais simples varredor de rua ao mais alto técnico, médicos e técnicos superiores".

O responsável explicou que a Plataforma é uma organização internacional que congrega as várias associações da diáspora, de uma forma organizada, para permitir que esta fale "numa só voz" perante os governos da Guiné-Bissau e dos países de acolhimento.

Augusto Mansoa mostrou a sua satisfação por ver reunidos no mesmo espaço guineenses e portugueses, num espírito de cordialidade, celebração mútua e consonância entre os dois povos.

A morar nas Caldas da Rainha desde 1987, quando foi colocado no hospital local, Augusto Mansoa apercebeu-se recentemente de um grande movimento migratório do seu país para esta cidade, principalmente para trabalhar na área da hortofruticultura, construção e serviços domésticos.

Não só vindos diretamente da Guiné-Bissau, mas também de quem quis "fugir" da área da Grande Lisboa e mudar para uma cidade mais calma, com melhores condições de vida.

Igualmente presidente da Associação Cultural e Recreativa dos Naturais e Amigos do Oio - Guiné-Bissau, que há 23 anos organiza o Convívio Anual dos Guineenses em Portugal na Mata Rainha D. Leonor, Augusto Mansoa, atualmente reformado, continua a morar nas Caldas, mas mantém o apoio ao seu país, incluindo com missões médicas solidárias, no qual é acompanhado por colegas portugueses.

No seu discurso, a vereadora Conceição Henriques destacou com satisfação o crescimento da comunidade de guineenses a residir nas Caldas da Rainha nos últimos anos, expressando o compromisso do município para que se sintam bem integrados e considerem a cidade a sua casa.

A autarca recordou que a relação entre Portugal e a Guiné-Bissau partilha cerca de cinco séculos de história, um período de tempo semelhante ao da própria existência das Caldas da Rainha, fundada pela Rainha Dona Leonor.

Por outro lado, sublinhou que a língua comum funciona como um "teto" de acolhimento e pertença, permitindo o reconhecimento imediato e a proximidade entre portugueses e guineenses em qualquer parte do mundo.



1. As cores de África dominaram o encontro

2. A cerimónia contou com a presença do embaixador Artur Silva (segundo a contar da esquerda)

3. Os hinos dos dois países foram ouvidos na abertura da